Capítulo V

Palavras derradeiras

Marcelo Gomes Germano

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GERMANO, MG. *Uma nova ciência para um novo senso comum* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 400 p. ISBN 978-85-7879-072-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Capítulo V

Palavras derradeiras

*“Quando o homem tiver acabado, então
estará no começo; e quando cessar a
pesquisa, ficará perplexo”
(Eclesiástico, XVIII, 6).*

Poderíamos afirmar que, de fato, o nosso esforço teórico nos remeteu a um caminho paradoxal. Mas, se, como sugere Zuben (2004), o paradoxo for mesmo à paixão do pensamento, a ciência também será feita de pensamentos apaixonados.

Os paradoxos são os seguintes. Ao mesmo tempo em que carecemos de uma cultura mais científica, também precisamos fortalecer o multiculturalismo e o respeito pela diversidade de outros saberes, sobretudo, os saberes de senso comum. À medida que afirmamos a necessária PopC&T também apontamos sérias críticas à ciência moderna em seu formato universal e mercantilista. O desafio é, portanto, humanizar a ciência e a tecnologia, para não sermos dominados e desumanizados por elas. Popularizar o conhecimento científico e tecnológico para nos apoderarmos dele e não para nos submetermos a ele como vítimas indefesas de uma ciência que desconhecemos.

Não é nova a preocupação do homem com a sua ciência e o seu conhecimento. Já no livro do Gênesis, os antigos

hebreus quando se referiam à criação do mundo, falavam de um homem e uma mulher que habitavam felizes um maravilhoso jardim. Curiosamente, a mais bonita e frondosa das árvores, aquela que ocupava o centro do paraíso pomar, era a *árvore do conhecimento*. Mas, também havia uma estranha proibição. De todas as árvores do paraíso o homem e a mulher poderiam experimentar, exceto aquela que lhes abriria os olhos para o *conhecimento* do bem e do mal. Colados à natureza, homem e mulher viviam em harmonia com ela e, portanto, ainda não eram humanos. Ao desobedecerem a uma ordem, experimentando do fruto da árvore do conhecimento, procedeu-se o descolamento com a natureza e se lhes abriram os olhos para o bem e o mal, inaugurando-se o que hoje chamamos de cultura. De fato, como reconhece Fromm (1984), tanto no mito grego de Prometeu como no mito hebraico da Queda, a cultura humana inicia a partir de um ato de desobediência. Desobediência que nos remete para o caminho da liberdade e, como consequência, para os atributos da responsabilidade e do risco. E o primeiro deles é aquele que o próprio mito coloca: a possibilidade para o bem e o mal. A possibilidade para dispor da natureza como objeto, como serva e escrava obediente, ou para reconhecê-la como companheira, mãe e irmã de um estranho desobediente que preferiu trilhar o caminho do conhecimento e da liberdade.

Esta imagem pretende reafirmar o nosso parentesco e vínculo com o conhecimento. Não podemos abrir mão de nosso maior privilégio e de nosso grande castigo. O caminho do conhecimento é, sem dúvida, a característica principal do homem, e justo por isso, não podemos creditar à ciência moderna o status de via única de acesso a este

conhecimento. Não podemos transferir para os cientistas o privilégio de possuidores únicos da capacidade criativa e o atributo de produtores privilegiados do conhecimento. Não é seguro permanecer confinados a um modelo exclusivo de racionalidade que, além de atribuir à ciência o status de único pensamento rigorosamente racional, desacredita todas as outras formas e expressões de saberes como subjetivas e infantis. É a este princípio autoritário, de razão unidimensional, que devemos contrapor uma nova desobediência, permitindo-nos uma reaproximação da árvore do conhecimento, para reencontrar as vias de possibilidade de um novo paradigma científico, aberto ao diálogo com outras formas de saberes e práticas que, orientando-se por critérios diferentes de rigor e encontrando credibilidade e sentido em outros contextos sociais, não podem ser desconsiderados e reduzidos a um princípio único e de razão universal.

Não se trata de construir uma imagem que pretende diabolizar ou sacralizar a ciência e a tecnologia, mas de compreendê-las como uma construção humana que, como qualquer outra, carrega consigo os mesmos vícios e virtudes daqueles que a criaram. E já que resolvemos lançar mão de um mito para falar das origens do conhecimento, talvez um outro mito possa nos oferecer uma imagem mais aproximada da ciência. Para Collins (2003), a ciência se assemelha a um Golem⁶⁶. Uma criatura da mitologia judaica que, feito de argila e água, depois de certos encantamentos, assume a forma de um humanóide.

66 GOLEM é uma palavra que aparece na Bíblia uma só vez no Salmo 139:16, significando “sem forma”. Buber explica que *Golem* é um pedaço de argila animado e sem alma. Poderíamos traduzi-lo por autômato (ZUBEN, 2004).

Pesquisando, encontramos uma versão antiga da lenda do *Golem* disponibilizada nas notas apresentadas no final da obra “*Eu e Tu*” de Martin Buber (2004). A lenda é a seguinte:

Os judeus poloneses fabricam, depois de certas orações e dias de jejum, a forma de um homem em argila. Se eles pronunciam sobre ele o “*Scheruhamphoras*” miraculoso (o nome de Deus) este homem deve tornar-se vivo. Embora não possa falar, ele pode, no entanto, compreender suficientemente o que se lhe diz ou ordena. Eles o denominavam ‘*Golem*’ e o utilizavam como empregado para executar trabalhos domésticos. Ele não deve jamais sair de casa. Em sua fronte está escrito *emeth* (verdade). Ele cresce a cada dia a ponto de se tornar facilmente maior que todos que vivem em casa, mesmo que tenha sido fabricado bem pequenino. Os que vivem na casa com medo desse *Golem*, apagam então a primeira letra do nome para que ele se torne *meth* (está morto). E, assim, ele cai, se desmorona e se transforma novamente em argila. Um homem havia deixado, por descuido, crescer demasiadamente o seu “*Golem*”. Tão grande estava que já não era mais possível alcançar a sua fronte. Então, tomado pelo medo, ele ordenou a seu servo que lhe tirasse as botas, para que quando o *Golem* estivesse abaixado, pudesse atingir sua fronte. Tendo conseguido, retirou a primeira letra, mas todo aquele peso de argila caiu sobre ele e o matou (ZUBEN, 2004 p.149).

Os mitos são mesmo fascinantes, eles conseguem ultrapassar o tempo e as fronteiras culturais para servirem de metáforas inimagináveis. Seria a ciência semelhante ao *Golem*, descrito na lenda criada pelos judeus poloneses? Assim como o *Golem*, a ciência também é uma invenção humana que, depois de pronunciadas outras palavras e outros símbolos, adquire vida própria. Nasce pequenina, mas, animada pela *verdade* que lhe marca a fronte, pode se tornar muito maior do que aqueles que a criaram. Por isso não deve sair de casa, não deve fugir ao nosso controle. Mas se por acaso crescer demasiadamente a ponto de constituir-se em um risco para os que vivem na casa, sempre é possível questionar os seus atributos de verdade, para que possa morrer. Depois é só reunir o barro e construir um novo *Golem*, com outra *verdade*, sempre disposta ao alcance de podermos apagar novamente a suas iniciais.

Mas, o que aconteceria se, por descuido, o nosso *Golem* se tornasse muito grande, ao ponto de não mais alcançarmos o seu atributo de verdade? Conforme relata o mito, a simples tentativa de modificar as suas letras iniciais poderia esmagar e destruir a vida de seu criador.

Embora a nossa ciência tenha assumido a imagem de um *Golem* muito grande, poderoso e desajeitado que, a exemplo da sociedade moderna, avança orientado pela ideia de um futuro e progresso infinitos; embora as agressões ao ambiente, o aquecimento global, a miséria, a fome e a catástrofe das guerras continuem persistindo; embora no exato momento em que escrevemos estas palavras conclusivas de nossa tese de doutorado, uma iminente possibilidade de conflito na América do Sul esteja posta

pelos desentendimentos entre Venezuela e Colômbia; embora os noticiários comuniquem a inauguração de um estranho reservatório (Arca de Noé) construído com o objetivo de abrigar exemplares de todas as sementes do mundo – prenúncio de uma esperada destruição da vida do planeta. Apesar desses e muitos outros motivos para desacreditarmos do futuro, aos apelos pessimistas, que só produzem sentimentos de resignação e impotência, preferimos o caminho revolucionário da esperança. Mesmo porque, conforme nos lembra Prigogine, as recentes ciências da complexidade negam o determinismo e insistem na criatividade em todos os níveis da natureza. Portanto, conforme já afirmamos no capítulo IV e durante muitos outros momentos desta tese, o futuro não é dado, não está determinado como algo inexorável. O futuro está em construção e todos nós podemos participar deste processo.

Apesar de os horizontes não serem os mais animadores, preferimos olhar com a força da esperança e, orientados pelo princípio da possibilidade, apostar na emergência de um novo paradigma científico que, no esforço por construir uma hermenêutica que lhe permita aproximar-se dos saberes populares e de senso comum, deverá reencontrar um novo caminho de comunicação consigo mesmo e com o humano, restabelecendo, assim, um novo sentido ético que se caracteriza muito bem naquilo que Santos define como um *Conhecimento Prudente para uma vida decente*.

Mas, não se trata de algo dado. Sempre nos caberá o esforço de construir o que está posto como possibilidade. O caminho rumo ao “fim da história”, o “fim da ciência” e o advento de uma sociedade “pós-humana”, ou a aposta

em uma ciência mais próxima da natureza que, mesmo admitindo as fragilidades das perdas, dores e sofrimentos, conseguirá conduzir ao futuro os mais legítimos sonhos da espécie humana.

Os sinais estão postos e, conforme discutimos durante o terceiro capítulo, a crise ambiental tem sido o maior atrator dessa nova revolução. Um novo e urgente interesse pela ecologia; o fim do determinismo e das visões reducionistas, que já não encontram lugar privilegiado nas ciências; uma nova confluência e troca de saberes nas várias iniciativas interdisciplinares; um novo e crescente interesse pela vida cultural que vem sendo observado em todo o mundo; os estudos envolvendo ciência, cultura e sociedade, cada vez mais presentes; o encontro das ciências naturais com as ciências sociais, em um diálogo que, certamente, será de enorme importância para a nova configuração que se aproxima; e as sérias iniciativas, no sentido de estabelecer um diálogo autêntico entre o conhecimento científico e os saberes populares, são indícios muito fortes de que em meio a crise, insurge um novo jeito de pensar e fazer ciência.

Não se trata mais de uma ciência que quer apenas comunicar os seus feitos e o potencial de seu conhecimento, mas de uma nova ciência que pretende dialogar com outros saberes, principalmente porque reconhece que sozinha não consegue dar conta de toda a complexidade do universo, incluído aí, o próprio homem. Uma ciência que entende a importância e a abrangência da linguagem matemática, mas que, justamente por isso, compreende que ela não consegue dar conta de fenômenos que ultrapassam os seus limites. Uma ciência que entende e reconhece a

influência de seu entorno e desconfia sistematicamente dos seus dogmas de neutralidade e objetividade. Uma ciência que, reconhecendo a forte presença de interesses políticos e de mercado envolvidos na aparência de neutralidade da produção do conhecimento, coloca a ética e a prudência como centro de suas pesquisas, recorrendo sempre ao princípio da precaução e ao respeito aos apelos de outros olhares. Uma ciência que não quer ser reconhecida e admirada, apenas pelos feitos de suas inovações tecnológicas, e pela infinidade de recursos que disponibiliza ao mercado, mas pelo crescimento da qualidade de vida do planeta e das espécies, e pelo engrandecimento das potencialidades naturais dos homens quando afastados dos socorros tecnológicos. Uma ciência que não se pretende pautar pelo uso fácil da tecnologia, mas que se faz presente no mundo da vida, tornando-se parte do conhecimento comum dos povos; que quer fazer parte da comunidade de sentidos, compartilhando o diálogo com outras formas de linguagem e expressões humanas (ética, estética, religiosa e popular). Uma ciência que, reconhecendo as desigualdades sociais, também reconhece que seus esforços de pesquisa devem ser orientados no sentido de contribuir com a emancipação social dos povos. Enfim, uma ciência que, reconhecendo os limites de sua racionalidade, consegue, finalmente, reencontrar e dialogar com o senso comum sem desqualificá-lo nem abandoná-lo à sua própria sorte.